

# CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS

## POSSIBLE CARTOGRAPHIES

**Valéria Scornaienchi**  
**Ateliê Serafina**

### Resumo

O ensaio visual apresenta uma série de nove cartografias desenvolvidas a partir de uma residência artística em Belém do Pará, na casa do artista Miguel Chikaoka. Os trabalhos emergem do desejo de refletir sobre diferentes estados de vida e de investigar modos de compreender o mundo a partir de múltiplas perspectivas. As cartografias operam como dispositivos de diálogo com outros modos de existência e temporalidades, propondo a fabulação de mundos que se compõem tanto com as catástrofes quanto com os devires. Nesses desenhos, passado, presente e futuro se entrelaçam como forças de continuidade e transformação. Há uma atenção ao que resiste ao tempo: um território do sagrado, dos encontros com os seres mais-que-humanos e das relações construídas pela observação dos fenômenos naturais, dos fluxos das águas, das fases da lua e dos saberes tradicionais. Assim, as cartografias configuram-se como espaços de escuta, coexistência e imaginação de outras visões de mundo.

### Palavras-chave:

Arte; cartografias; mudanças climáticas; desenhos.

### Abstract

*The visual essay presents a series of nine cartographies developed during an artistic residency in Belém do Pará, at the home of artist Miguel Chikaoka. The works emerge from a desire to reflect on different states of life and to investigate ways of understanding the world from multiple perspectives. The cartographies function as devices for dialogue with other modes of existence and temporalities, proposing the fabulation of worlds composed through both catastrophes and becomings. In these drawings, past, present, and future intertwine as forces of continuity and transformation. Attention is given to what resists time: a sacred territory shaped by encounters with more-than-human beings and by relationships formed through the observation of natural phenomena, water flows, lunar phases, and traditional forms of knowledge. In this way, the cartographies become spaces of listening, coexistence, and the imagination of other worldview.*

### Keywords:

*Art; cartographies; climate changes; drawings.*

Venho pensando nos últimos anos em como habitar o mundo. Olhando para a forma como habitamos as cidades, como construímos as cidades, destruindo biomas, as lógicas de consumo, e as questões dadas pelo antropoceno, capitaloceno, plantantionceno... Tenho tentado compreender como olhar para outras relações possíveis. Considerando que não há o que pode ser feito em muitos aspectos, quais são as possibilidades e devires para uma nova forma de habitar? Como se relacionar? Como compreender os estados de ser que permitem que gaia respire, e tenha seus fluxos preservados?

Um mundo onde tudo caiba, com menos hierarquias, menos classificações, sem distinções de qualquer ordem. Como acolher as existências mais que humanas no cotidiano da cidade?

Convido escritores, filósofos, ativistas, artistas, povos originários, quilombolas e ribeirinhos para esse diálogo. Aproximo-me de podcasts, livros, falas, conversas, e estudos para compreender como as sociedades se formam, e de que maneiras elas se deslocam nessas relações com o lugar. Percebo tempos, medidas de comparação e as formas de estar. Crio relações que me parecem possíveis para resistir, reexistir, em diversos aspectos. Talvez utópicas, mas para que serve a utopia? Talvez seja para justamente pensar na impossibilidade de mudar, de assumir um gesto próprio de existir que resista às dominações e imposições sociais que habitam em nós de forma muito enraizada, e a partir daí compreender outros caminhos.

Olhar para devires e fabular possibilita questionar nossos estados de ser e redescobrir uma forma de habitar a partir das micropolíticas.

Esses desenhos foram iniciados em outubro de 2024, em Belém, no Pará, em uma residência artística na casa do artista Miguel Chikaoka. Fiquei um mês estabelecendo relações com o entorno, compreendendo os estados de rio, e as complexidades do Pará. A experiência me trouxe um olhar para a cidade, os rios, artistas locais e algumas imersões em Colares e em Joanes, no Marajó, que me impulsionaram a

iniciar esses desenhos como um gesto que me parecia surgir de uma necessidade de criar relações entre as águas e as plantas. Logo os desenhos foram se tornando cartografias afetivas, cósmicas, que dilatam as percepções de vidas e dos parâmetros que compreendemos estabelecidos para duvidosos.

A cor verde do papel foi um desejo de aproximar a floresta desse projeto, entendendo que ela está em todas as relações e se inscreve como uma matriz a partir da qual estou interessada em pensar e dialogar, que traz em si esculturas sociais, afetivas, relacionais e mais que humanas.

A construção de outras formas de vida que levam em conta o que poderia ser o parâmetro a partir de seres mais que humanos, me leva a pensar outras relações em que as coisas se tocam como pensar que o chão move o cosmo e o cosmo move o chão, e que talvez as constelações estejam também no chão da terra criando outra perspectiva. Não se trata apenas de fabulações, embora eu entenda que as fabulações são um dos lugares mais importantes da atualidade. Imaginar mundos é refazê-los. É pensar deslocamentos impensáveis e cada vez que fazemos isso rompemos com as ideias preestabelecidas de que há apenas uma forma de estar no mundo, o que é absolutamente necessário. Abrimos um campo de coexistência de todos os mundos possíveis, habitados por todos os seres humanos em toda a sua diversidade e os seres mais que humanos.

Esses desenhos são tentativas de fabular essas formas de vida a partir do devir floresta e do devir cosmo como dois lugares de absoluta liberdade de existência, caos e ordem, luz e escuridão.

Fazer essas cartografias é uma forma de experienciar possibilidades de encontros inusitados e relações não lineares, e sensíveis de existir e resistir. É persistir nos encontros, e resgatar do passado o que ainda se faz necessário e abrir espaço para que novas conexões e reflexões sejam sempre possíveis.

A continuidade desse processo vai se dar de forma coletiva, na qual eu convido as pessoas para compor as cartografias, com textos, palavras, pensamentos, reflexões que possam se juntar às minhas e fazer um corpo coletivo emergir, sugerindo novas relações e novos mundos a serem experimentados enquanto um corpo coletivo.

Fazer coletivamente me parece uma urgência. Encontrar formas de se conectar cada vez mais com seres humanos e mais que humanos em uma tentativa de criar encontros possíveis, sensíveis. Criar um corpo coletivo é resistir cada vez mais, é não sustentar as elites, é estabelecer a diversidade como padrão, é regenerar as florestas, é fazer ressurgirem os vaga-lumes, é diminuir as hierarquias.

É sobre isso que me interessa pensar, desenhar, escrever, falar. Essa é, para mim, a única forma possível de existir. Conjugando todos os verbos no plural.



Figura 1 - Da série Cartografias possíveis. Cartografia afetiva com os tupinambás, papel canson 180grs, 29x21cm, 2025.  
Fonte: Acervo da artista.

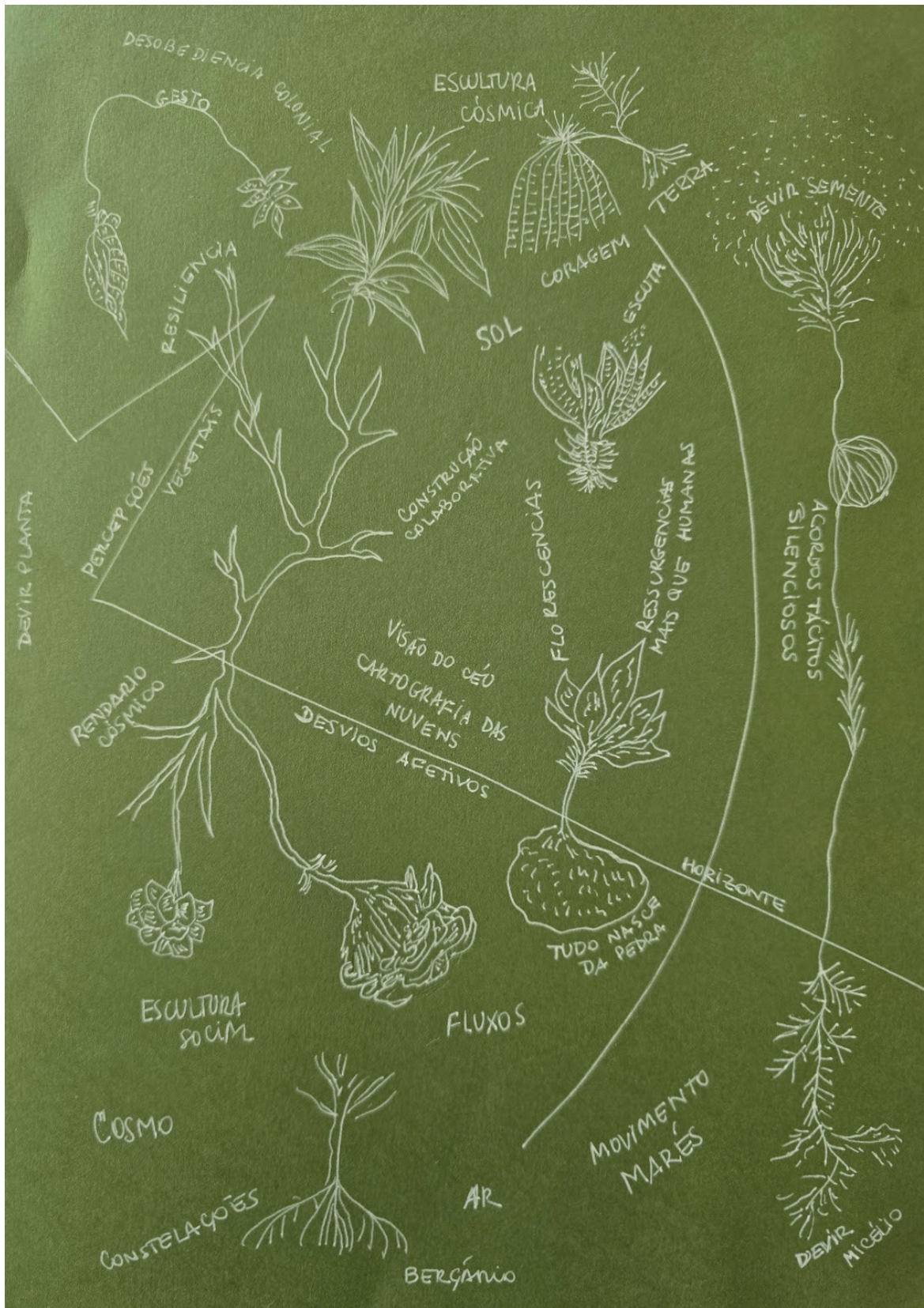


Figura 2 - Da série *Cartografias afetivas*. *Cartografia das nuvens*, desenho sobre papel cansón 180grs, 29x21cm, 2025.  
Fonte: Acervo da artista.

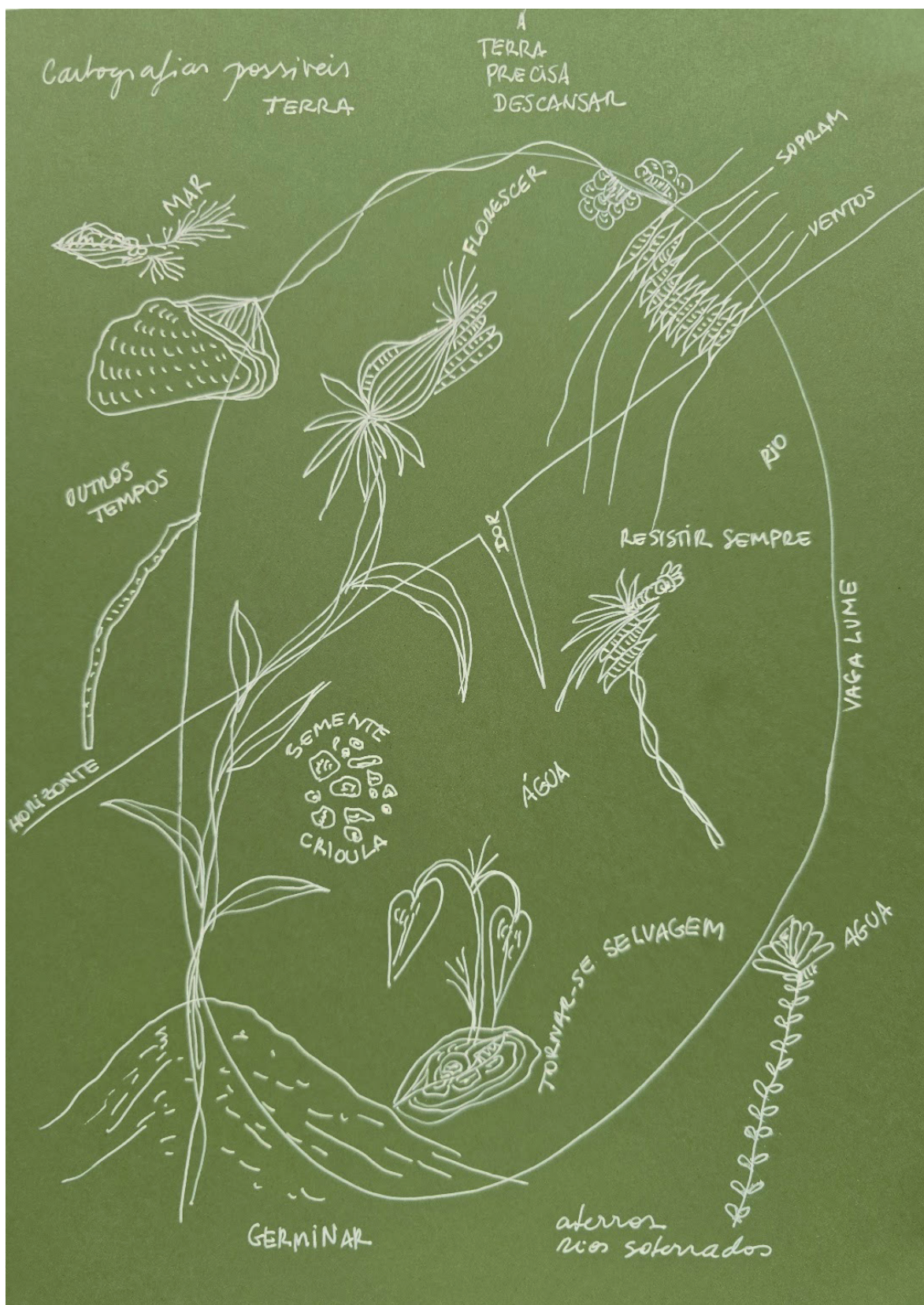


Figura 3 - Da série *Cartografias afetivas*. *Cartografia da terra*, desenho sobre papel canson 180grs, 29x21cm, 2025.  
 Fonte: Acervo da artista.

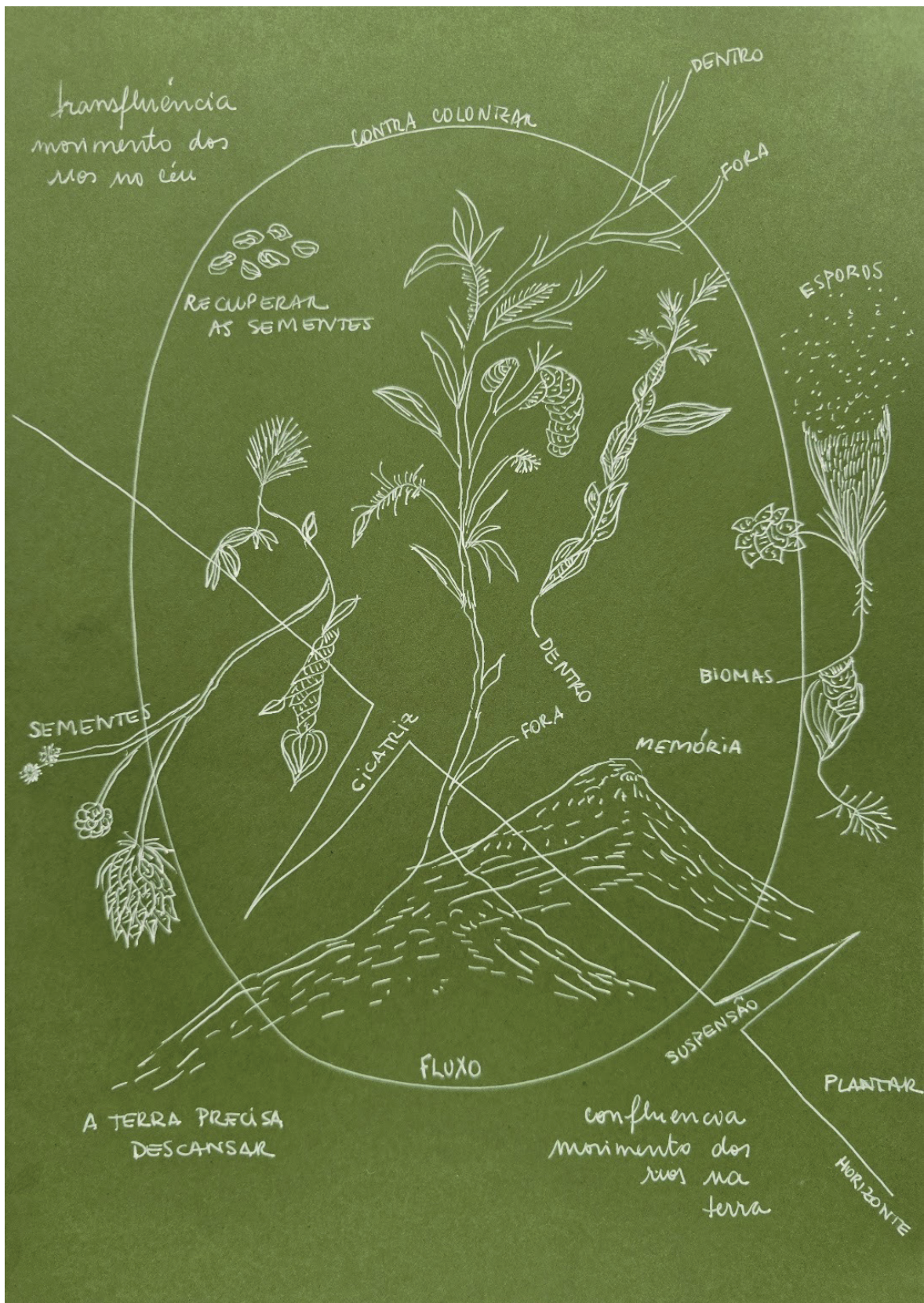


Figura 4 - Da série *Cartografias afetivas*. *Cartografia contra colonial* com Antonio Bispo dos Santos, desenho sobre papel canson 180grs, 29x21cm, 2025.  
Fonte: Acervo da artista.



Figura 5 - Da série *Cartografias possíveis*. *Cartografia cósmica*, papel canson 180grs, 29x21cm, 2025  
Fonte: Acervo da artista.

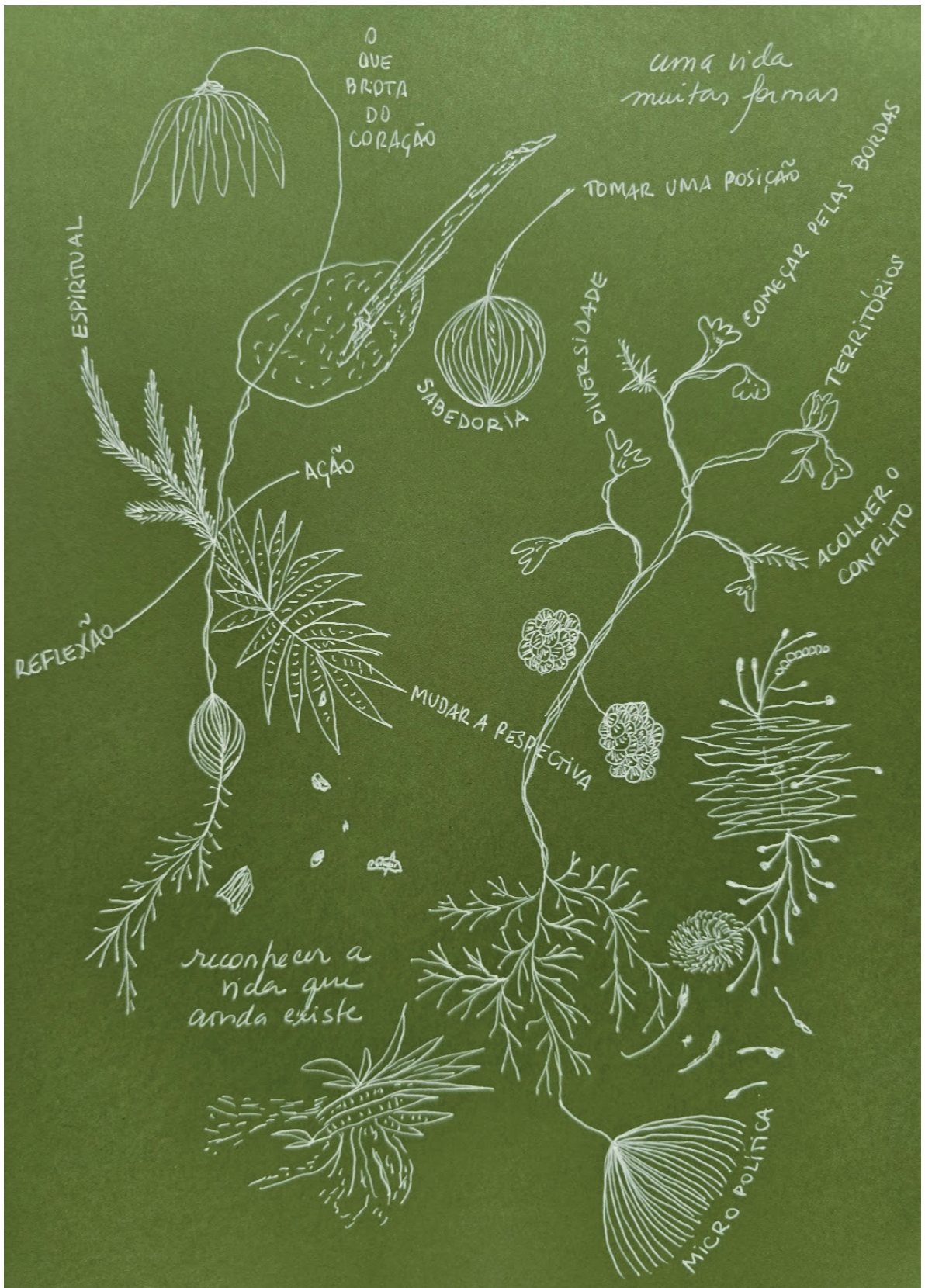


Figura 6 - Da série *Cartografias possíveis*. *Cartografia micropolítica*, papel canson 180grs, 29x21cm, 2025.

Fonte: Acervo da artista.



Figura 7 - Da série *Cartografias possíveis*. *Cartografia da cósmica* com Carlos Drummond de Andrade, papel canson 180grs, 60x42cm, 2025. Fonte: Acervo da artista.

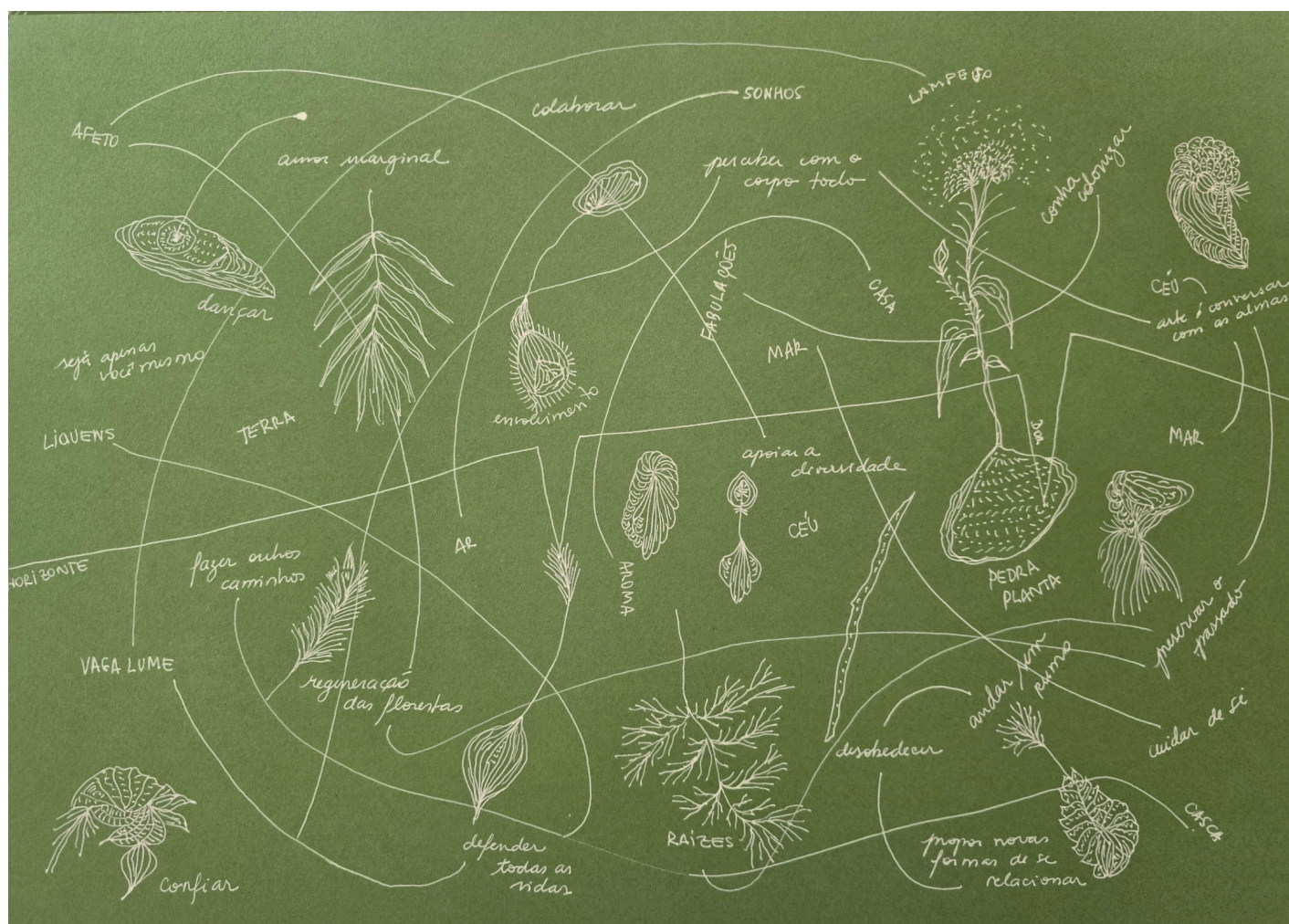


Figura 8- Da série Cartografias possíveis. Cartografia de devires, papel canson 180grs, 100x70cm, 2025.  
 Fonte: Acervo da artista.



## **SOBRE A AUTORA**

*Valéria Scornaienchi* é artista visual. Sua pesquisa artística e produção se estabelecem pela construção, coleta e manuseio sistematizado de imagens, frases, pequenos objetos naturais, que se somam aos gestos da artista, com o objetivo de constituir sua mitologia pessoal no campo da arte e natureza. A pesquisa artística se volta ainda a projetos colaborativos em seu ateliê, em espaços expositivos e em encontros promovidos pela artista, e ao interesse sobre livros de artista. Autora de dois livros publicados, participou de residências artísticas e acompanha processos criativos em seu ateliê. Suas obras fazem parte de acervos como o do MAC (Campinas), CHCM Mackenzie (São Paulo) e MuNa (Uberlândia). ORCID: <<https://orcid.org/0009-0003-0685-6029>>. E-mail: vms151070@gmail.com

Recebido em: 30/4/2025

Aprovado em: 21/10/2025